

## O menino na barca

---

Entrei na barca para Niterói. Sentei próximo à janela para cochilar e tentar no sono arrumar idéias que não arrumo acordada. Isso nem foi possível porque uma família sentou-se bem ao meu lado. O pai, a mãe, a menina de uns 13 anos e o menino de uns 11, portando alguma deficiência. As mãos, retorcidas, apontavam para seu próprio peito, os pés não alcançavam o chão com facilidade e a cabeça pendia para seu lado direito. A barca saiu e já o primeiro grito do menino me arrancava da intenção de dormir. Ele não queria viajar sentado. O pai ofereceu uma janela em outro lugar e o menino se debateu, *não e não!* Mexia a cabeça se atordoando e atordoando os demais passageiros que já do menino queriam a mais total distância.

A mãe ameaçou bater, fica quieto ou apanha! O menino apontava o mar e gritava em uma voz embolada: "*ver a água!*" Os passageiros se balançavam e se rearrumavam nas cadeiras enquanto a raiva deles crescia. Alguns chacoalhavam o jornal, outros muxoxavam. De um pronto o pai levantou. Pegou o menino pela mão e foi com ele até a proa, quase de um arrasto só. A mãe e a menina levantaram e seguiram seus meninos. A mãe parou e sentou na primeira fila das cadeiras, a menina seguiu na aventura. Num instante estavam o pai, a menina e o menino na proa. O pai e a menina seguravam a corrente que separa os passageiros da água com o intuito de que não caiam e causem transtorno de salvamento. O menino não. O menino abriu os braços abraçando o vento e o sol. O pai agarrou o braço do menino e quase que seus dedos entravam em sua carne. O menino disse com voz suave: "*Sozinho pai!*" Mas o pai temia pelo menino e não desagarrava o braço. O menino ria inteiro e a menina sua irmã lhe apontava os navios. "*Olha lá um bem grande!*" e girava ela mesma com suas mãos a cabeça do menino. E *vrupt*, empurrava a cabeça dele para o outro lado: "*Lá! Aquilo é uma gaivota!*" O menino seguia o vôo, mas se irritava com o pai. "*Eu posso sozinho pai!*"

O pai afrouxou um pouco o medo e os braços do menino que os estendeu livres outra vez para o sol e para o vento. Mas o pai enganava o menino e segurava, mão firme, na camisa do filho como se esta fosse ainda seu braço. O pai se virou e olhou a mãe que aprovou a esperteza do marido fechando um pouco os olhos, balançando a cabeça e beijando-o com um sorriso. O menino pulava e se sacudia todo mostrando a irmã: "*Um peixe! Um peixe!*". A irmã: "*Cadê? Onde? Mostra!...*" "*Lá no fundo sua boba! Só eu que vi*".

A viagem acabou, mas o menino nem se incomodou. Quando os quatro desceram, vi que o menino estendeu sua mão retorcida ao pai. "*Segura!*" pediu. E seguiu seu andar desencontrado, a cabeça batendo para o lado e a outra mão na mão da irmã. Segui-os um pouco de perto. O menino rindo disse ao pai. "*Você segurou minha camisa pai!*". "*Pra você não cair filho*". O menino se aconchegou mais e disse: "*Eu já sabia pai!*".